

Nos anos 2000, mudei-me para Sollies-Toucas. A minha mulher na altura era enfermeira liberal. Sendo eu próprio cuidador, às vezes ajudava-o para doentes que eram difíceis de mobilizar, muitas vezes acamados ou com défices motorizados significativos. Foi nestas circunstâncias que conheci o Blasco Mentor. Agarrado aos terraços de Sollies-Toucas, este lugar notável onde eu estava a entrar pela primeira vez, pareceu-me em completa decadência. À esquerda, cruzando o portão, as "CasaNieves" rodeadas pelos seus terraços, devem ter sido uma casa muito bonita e ainda tinha um charme antiquado, apesar das suas persianas espancadas pelo mistral e pela sua fachada decrépita. As weeds cresceram através dos mosaicos da grande bacia e as esculturas mitológicas revelaram as suas molduras metálicas enferrujadas. No estúdio do pintor pendia enormes pinturas, representando cenas de circo, touradas ou mulheres voluptuosas dançando. Mas o que me espantou foram as cores extravagantes destas pinturas: amarelo, laranja, ouro. No jardim, conjuntos de ferramentas, peças metálicas, molas de colchões representavam um bestiário mítico e atestam a criatividade e o ecléctico de Mentor. Todos os quartos foram decorados com pinturas, estátuas, moldes do pintor. No seu quarto, uma infinidade de livros foram guardados em prateleiras ou talvez numa biblioteca. Na cama estava o Mentor. Senti-me intimidado pela sua estatura. Deitada, parecia imensa. Os seus olhos negros estavam cobertos de sobranceiras grossas, os seus cabelos brancos contrastavam com aquele rosto distorcido e fechado por doença. A comunicação, tal como os cuidados, foi difícil. Pouco a pouco, temos de nos agarrar e a nossa relação tornou-se mais amigável. Um dia, quando estava a acompanhar a minha ex-mulher, Blasco, com grande dificuldade, com o seu braço encorpado, desenhou o retrato da enfermeira. Era a sua maneira de nos agradecer. Depois da sua morte, voltei a visitar Neige várias vezes, que também estava a ser cuidada pelas mesmas enfermeiras. Aproveitei a oportunidade para caminhar neste jardim que me fascinava e cada vez que me arrependia de ver este imóvel que se estava a deteriorar e não entendia a falta de interesse das autarquias e das autoridades departamadas por este património.

Christian Cornu

15 de novembro de 2022